

SERNANCELHE

(Sernancelhe)

Sernancelhe foi uma freguesia do concelho com o mesmo nome, no distrito de Viseu. Após a reorganização administrativa de 2013 foi agregada a uma outra localidade passando a designar-se União das freguesias de Sernancelhe e Sarzeda. A igreja de São João Batista é a igreja matriz de Sernancelhe e localiza-se a cerca de 450 m da Câmara Municipal. Sair da Câmara e virar à direita para a rua Dr. Oliveira Serrão e continuar pela avenida Vasco Moreira. Virar à esquerda para a praça da República e continuar a contornar pela direita até chegar à igreja matriz.

O enquadramento da igreja de São João Batista de Sernancelhe é urbano, localizando-se naquele que é hoje o largo principal da vila. A sua configuração irregular e a persistência de algumas arquiteturas mais vernaculares comprovam a sua ocupação no tempo longo que a existência de afloramento rochoso com sepulturas escavadas na rocha junto da igreja, no lado norte, corrobora.

A ocupação humana de Sernancelhe remonta ao período neolítico. A presença romana é evidenciada pela descoberta de diversos vestígios. A localidade de Sernancelhe assistiu a confrontos entre as tropas cristãs e muçulmanas no período da Reconquista. O castelo aparece referido em 960 no testamento de D. Flâmula ou Châmoa, sobrinha de D. Mumadona Dias, que mandara vender os seus castelos na Beira, entre eles o de Sernancelhe. Entre os anos 1055-1057, Fernando Magno conquistou às forças muçulmanas vários castelos nesta região, nomeadamente o de Sernancelhe. Em outubro de 1124, D. Egas Gosendes de Baião, e seus filhos, dão foral a Sernancelhe. D. Afonso II, em 1220, confirma a doação do referido foral. Os inquiridores de 1258 afirmaram que viram a confirmação do foral com um selo de chumbo do dito rei. Em 1295, D. Dinis concedeu carta de feira ao concelho de Sernancelhe, a realizar durante oito dias.

Igreja de São João Batista

A IGREJA DE SÃO JOÃO BATISTA de Sernancelhe terá sido edificada sobre um templo anterior, que poderia ser coevo da administração da condessa D. Châmoa. O foral de 1124 já refere a situação dos clérigos quanto à posse de bens patrimoniais.

O templo românico terá sido edificado em 1172, segundo inscrição gravada em silhar na face exterior da parede da capela-mor da igreja, onde se lê

Era M CC X

Segundo Mário Barroca, trata-se da inscrição comemorativa da conclusão ou da sagração da igreja românica de São João de Sernancelhe.

Segundo as Inquirições de 1258, Sernancelhe e todo seu termo era foreira ao rei. A Ordem do Hospital já detinha aí alguns casais e outros bens, dos quais não fazia foro ao rei. O padroado da igreja era do concelho, *concilium*

presentavit semper predictae ecclesie. Estas inquirições de 1258 aludem a Fernão Peres como *clericus presbiter et porcionarius ecclesie de Cernonceli*, o que sugere que a colegiada de Sernancelhe já estaria instituída há algum tempo. Um dos inquiridos afirmou ainda que os concelhos de Sernancelhe e de Trancoso fizeram uma albergaria no termo de Sernancelhe, em Ponte de Távora, e que o rei D. Sancho I coutara a dita albergaria com patronos. Os inquiridores afirmam ter visto essa carta de couto. Em 1297, D. Dinis doa o padroado da igreja de São João de Sernancelhe à Ordem do Hospital, que irá criar aí uma comenda com a mesma intitulação.

A igreja de Sernancelhe não aparece taxada no Catálogo das igrejas, comendas e mosteiros do reino, elaborado em 1320 por ordem de D. Dinis, com vista a obter financiamento para a Cruzada. Porém, no documento pontifício *Rationes decimarum Hispaniae*, realizado em 1321, que visava conhecer os benefícios vagos em cada diocese

portuguesa, a igreja de Sernancelhe, na diocese de Lamego, aparece taxada em 200 libras.

Na primeira metade do século XVI, o Censual da sé de Lamego assinala que a igreja de Sernancelhe era da comenda do Hospital e a sua confirmação pertencia ao bispo. Os beneficiados da colegiada eram da apresentação do comendador e, posteriormente, confirmados pelo bispo.

Em 1574, a igreja de Sernancelhe pertencia ao padroado real. Carvalho da Costa, na *Corografia Portuguesa* assinala que a igreja paroquial era vigairaria da Ordem de Malta e igreja colegiada com quatro beneficiados.

Segundo as Memórias Paroquiais de 1758, a igreja localizava-se no meio de um largo “he das munto antigas mas de bella formatura alguma couza piquena”. Tinha três altares e duas capelas particulares com grandes arcos. À entrada da vila ainda se conservavam as ruínas de uma muralha e junto à porta nascente existia uma capela chamada São Pedro do Castelo, da qual era alcaide mor o conde de Povolide.

Apesar das profundas remodelações que sofreu durante o período manuelino e, depois, no século XVIII, a igreja de Sernancelhe conserva ainda hoje uma aparência que nos remete para o momento histórico em que foi

edificada, a época românica. Contudo, convém ainda notar que foi durante uma significativa intervenção de restauro, realizada no início da década de 1970 sob a égide da DGEMN que se alcançou a imagem que hoje temos desta igreja, quer ao nível volumétrico, por força da demolição de anexos no lado norte e que tornaram visível o afloramento com as sepulturas escavadas na rocha, como ao nível do arranjo artístico no interior da igreja. Orientada, a igreja de Sernancelhe é composta por nave única e cabeceira retangular bastante profunda. À estrutura primitiva de origem românica foram acrescentados diversos corpos que, dando resposta aos preceitos litúrgicos pós-tridentinos, ampliaram a espacialidade da igreja e criaram-lhe novos espaços de devoção. Assim, no lado sul vemos uma ampla capela retangular que comunica com a nave através de amplo arco de volta perfeita, de matriz clássica. Junto desta, edificou-se a sacristia, comunicando por sua vez com a capela-mor. No lado sul, alinhada com a fachada oeste, ergue-se robusta torre sineira e uma outra capela, quadrangular, que comunica com a nave. A organização espacial aqui descrita torna-se legível em termos volumétricos no exterior. A cabeceira apresenta uma elevação considerável no contexto do românico português, sendo



Perspetiva geral da igreja.
Alçado oeste



Cachorros da cabeceira

ainda assim mais baixa e mais estreita que a nave. Ambas foram edificadas em aparelho pseudo-isódomo de granito e receberam cobertura de duas águas. Tanto na sacristia como nas capelas recorreu-se ao mesmo material para edificação, diferenciando-se estas pela maior dimensão dos silhares e pela cobertura em telhado de uma só água no lado sul da igreja. A torre sineira tem cobertura de quatro águas e a capela junto desta tem de três.

O alçado este da cabeceira é totalmente cego. A cornija que remata a empena destaca-se por ser ornada por um friso composto por triângulos incisos e uma sucessão de meias esferas. A qualidade da esquadria dos silhares é por demais evidente, sendo que alguns deles ostentam siglas. Vemos ainda uma cruz incisa sobre vários silhares e em tudo idêntica às três que se gravaram no alçado oeste da torre sineira, pelo que podemos ajuizar serem de época posterior à da edificação da cabeceira. O mesmo motivo das meias esferas prolonga-se sobre a cornija do alçado norte e um pouco pela do lado sul. É profunda e cachorros de secção retangular sustentam-na. A variedade temática destes cachorros é notável: vemos meias esferas, pipas, losangos incisos ou motivos fitomórficos encadeados. No lado norte devemos destacar dois aspetos. Por um lado,

Alçado este da cabeceira. Inscrição memorando o ano de 1172



vemos aqui duas representações de figuras humanas, cujo gesto é bem perceptível apesar do talhe algo fruste. Se uma delas parece ocultar o sexo com as mãos, a outra já parece mostrá-lo mais explicitamente. Por outro lado, devemos notar a presença, naquilo que poderemos considerar um *unicum* no românico português, de um cachorro com vestígios de policromia. Trata-se do cachorro com o tema do pipo e que se encontra pintado a ocre. Os outros cachorros são lisos, seguramente resultantes da intervenção de

restauro que apenas se limitou a fazer, já no início da década de 1970, uma reconstituição volumétrica dos mesmos. Nos silhares deste lado da cabeceira são inúmeras as siglas e persistem no paramento as cicatrizes deixadas pelos corpos anexos desmontados durante as obras de restauro para deixar visível o já mencionado afloramento rochoso. Uma estreitíssima fresta permite a iluminação da cabeceira a partir do lado norte.

Mais recentes são os cachorros que sustentam a cornija da nave, apresentando uma configuração diferente dos da cabeceira. Três mísulas, a meia altura do paramento, informam-nos ter existido aqui uma estrutura alpendrada. O alçado da nave é apenas rasgado por portal inscrito na espessura do próprio muro. É no contexto da opção de tornar visível o afloramento rochoso com sepulturas escavadas na rocha que devemos compreender porque a soleira deste portal se encontra sobrelevada relativamente à cota do adro da igreja e porque, talvez por respeito ao afloramento rochoso e sua simbólica enquanto lugar de tumulação, não se colocou aí um acesso formado por degraus de cantaria. O portal é claramente tardio. Sem qualquer elemento ornamental que o notabilize, apenas é marcado por

uma arquivolta ligeiramente quebrada, à face do muro. O restante trecho do corpo da nave está oculto pela capela e torre sineira.

No lado sul da igreja já se fazem notar mais as transformações realizadas durante a época moderna. A par da existência da sacristia e da capela que oculta parte do alçado da cabeceira e da nave, respetivamente, esta última não apresenta cachorros e o seu muro foi rasgado por ampla janela retangular com gradeamento e vidraça. Persiste o portal lateral, com arranjo semelhante ao do lado norte. É na cabeceira que vemos a presença dos elementos românicos, particularmente ao nível da cachorrada, mostrando motivos tendencialmente geométricos e da cornija que em parte conserva a ornamentação original, com o motivo das meias esferas. Obra do restauro, uma parte significativa da cornija surge neste lado lisa, composta por silhares bem esquadriados. Ainda neste contexto, foram concebidos alguns cachorros que se distinguem dos restantes pelo facto de serem lisos, bem facetados, mas também pela diferente densidade do grão do granito. De notar, ainda, que estes cachorros estão alinhados com o amplo janelão que na época moderna se rasgou no alçado sul da abside



Alçado oeste. Portal



Alçado oeste. Nichos com figuras



e que poderá ter comprometido os pré-existentes e que as obras de restauro procuraram recuperar volumetricamente na sua legibilidade.

O alçado oeste da igreja de São João Batista de Sernancelhe é bastante original. Para Reinaldo dos Santos estamos diante de um "verdadeiro estilo de transição" pois alguns dos elementos que o compõem anunciam já o gótico. Devemos destacar o conjunto de três figuras que, de cada lado do portal, se expõem em nichos quadrangulares e enquadados por dosséis. Apesar do caráter algo fruste, estas imagens criam um conjunto deveras interessante. Luís Urbano Afonso propõe que tenham sido concebidas em finais do século XIII ou na primeira metade do século XIV. Para este autor, o goticismo destas esculturas e dos respetivos baldaquinos inviabilizam uma cronologia anterior, assumindo ainda a dificuldade em proceder à identificação das personagens representadas.

O portal, inscrito na espessura do muro, é composto por três arquivoltas de volta perfeita sustentadas por colunas com seus capitéis ornados com motivos vegetalistas e fortes volutas. Se na arquivolta interior ainda vemos um toro diédrico, elemento característico no românico português, no central vemos um conjunto de pequenas imagens de anjos com livros sobre os joelhos, separados por dosséis, indicando-nos a assimilação e disseminação de uma nova gramática decorativa. Urbano Afonso propõe que estas figuras tenham sido concebidas durante a segunda metade do século XIII. Este portal foi profundamente transformado

no último quartel do século XVII que lhe criou um elemento que cumprindo a função de tímpano, o animou com um novo gosto estético, barroco, mas que se harmoniza de forma evidente com os elementos pré-existentes.

O portal é encimado por óculo quadrilobado vazado. Os remates terminais da empena são obra da época moderna.

O interior da igreja é bastante curioso, particularmente pelas soluções adotadas ao nível da campanha de restauro. Na abside, a parede fundeira está oculta pelo retábulo-mor em talha dourada com seu trono eucarístico. Apenas a fresta que a ilumina a partir de norte, alargando para o interior, nos remete para o período românico. Devemos destacar o arco triunfal no qual tons fortes, como o ocre e o verde, realçam os temas lanceolados, em espinha, as meias esferas e os enxaquetados esculpidos e que enformam as suas arquivoltas. O arco cruzeiro é tardio pois não é sustentado por colunas. Mas a policromia que persiste confere-lhe uma leitura diferenciada e permite, sugerir uma impressão do colorido que as igrejas românicas apresentavam. Esta ideia anímica é hoje enfatizada pela pintura mural que ladeia o arco triunfal e que foi posta a descoberto durante as obras de restauro da DGEMN. Em campanhas sobrepostas, no lado do Evangelho vemos Santa Margarida irrompendo do ventre do dragão e do lado da Epístola, a Virgem do Rosário e um santo bispo de difícil identificação. Atendendo ao caráter tardio do restauro realizado em Sernancelhe, vemos aqui a DGEMN a tomar uma opção bastante original



Interior. Perspetiva a partir do lado ocidental

quando comparado com intervenções realizadas nas décadas de 1930 e 1940. Como se sabe, nas grandes campanhas de intervenção nas igrejas românicas era comum o apeamento dos retábulos concebidos durante a época moderna ou porque se pretendia enfatizar o momento primeiro da edificação da igreja ou porque os mesmos ocultavam significantes campanhas de pintura mural quinhentistas ou seiscentistas. De uma maneira geral, os retábulos apeados acabavam por ser remontados noutras igrejas sendo que, muitas vezes, deles se foi perdendo o rasto. No caso de Sernancelhe, reconhecendo-se já o valor artístico do conjunto que envolvia o arco triunfal, optou-se por remontar os retábulos colaterais e o painel que, unindo-os, envolvia o arco triunfal, na parede oeste da igreja. Compreende-se assim porque o portal principal desta igreja apresenta hoje um enquadramento tão original, mesmo que tal significasse o apeamento do coro alto e do guarda-vento.

Na nave conservam-se inúmeras siglas nos silhares.

A igreja de São João Batista deverá ter sido edificada em meados ou em finais do século XII. Dos seus vestígios românicos destaca-se a cabeceira, que parece ser a parcela mais antiga do templo. Segundo Carlos Alberto Ferreira de Almeida os vestígios remanescentes confirmam esta cronologia. É particularmente notável a gramática decorativa dos cachorros da cabeceira, patenteando um deles ainda a sua ornamentação ocre. Também no arco triunfal a presença de policromia nos permite ter uma outra leitura daquilo

que era efetivamente o interior das igrejas que durante a época românica se edificou e se coloriu.

A igreja de Sernancelhe foi sujeita a várias campanhas de transformação e atualização de gosto nos séculos XVII e XVIII. A igreja matriz de Sernancelhe foi classificada como Imóvel de Interesse Público em 1939. Junto da igreja, encontramos no Museu Paroquial Padre Cândido, além de diversas peças litúrgicas e de paramentaria, tampas sepulcrais e cruzeis terminais patadas de feição medieval.

Texto: MLB/JL - Fotos: MLB

Bibliografia

AFONSO, L.U., 2006, II, pp. 699-704; ALMEIDA, C.A.F., 1986b, pp. 110 e 168; ALMEIDA, C.A.F., 2001, p. 130; BARROCA, M.J., 2000a, Insc. n.º 141 (de 1172); BARROCA, M.J., 2017a, Insc. n.º 162 (de 1172); BOISSELLIER, S., 2012, p. 214; COSTA, A.C., 1706-12, p. 288; GEPB, 1935-60, XXVIII, pp. 437-447; PMH, LEGES, I, pp. 362-265; MEM. PAROQ. 1758 (2010), pp. 553-554; MOREIRA, L.A.S., 2017, pp. 52, 59, 61, 63, 98, 125 e 154; PATRIMÓNIO CULTURAL; PMH, INQ., pp. 1100-1103 (de 1258); SANTOS, R., 1955, p. 126; SIPA.